

Presidência fascina FHC

Cargo dá prazer como a descoberta de uma vocação profissional

Na tarde da última quarta-feira, o ministro Luiz Carlos Santos, dos Assuntos Políticos, chegou esbaforido ao gabinete do chefe, no terceiro andar do Palácio do Planalto: "Presidente, temos uma crise no PTB". Informado com antecedência de uma rebelião na pequena mas aguerrida bancada petebista, o chefe bateu direto no ponto: "Os ministros do PTB estão saindo?" Santos respondeu que não. "Ah... então não tem crise", cortou o dono do gabinete. "Se não tem crise, não tem graça".

Um sujeito que acha graça em resolver crises deve se candidatar a presidente da República no Brasil. Foi o que Fernando Henrique Cardoso fez, em 1994. Ganhou o emprego e, vinte meses depois da posse, está encantado com a profissão de presidente. Profissão? Bem, num certo sentido, ele admite que sim, pois foi chamado a exercer uma tarefa para a qual tinha uma vocação não revelada. Um sociólogo aposentado, como FHC, encontrará o argumento em Max Weber, um alemão que foi o pai-da-matéria.

O problema em ser um presidente profissional é que não existe um caminho contínuo, uma preparação formal, um vestibular (a não ser o das urnas) que leve até lá. Quando olha para o passado recente, FHC constata que não construiu uma carreira, mas deu um salto inesperado. E é grato ao antecessor, Itamar Franco, que lhe proporcionou, afinal, um cursinho intensivo de presidência. Claro: não aprendeu tudo nos meses em que foi ministro da Fazenda e avalista de Itamar.

Nesse ramo, a prática é fundamental. Por falta de prática, Fernando Henrique patinou, ainda no viço dos primeiros trinta dias, diante de

um Senado velho e em final de mandato, que fazia birra para aprovar o nome do presidente do Banco Central. Dia desses, lembrando o episódio com um ministro tucano, confessou: "Naquela época, ainda não tinha noção de todo o poder do presidente da República no Brasil. Se eu soubesse..."

Forças - Reforçando os conceitos acadêmicos, é preciso recorrer ao italiano Antonio Gramsci, que liderou da cadeia o velho PCI e é teórico de sucesso entre os novos esquerdistas, para entender o papel em que Fernando Henrique se enxer-

ga como presidente. Ele exerce a profissão como se fosse a resultante de uma infinidade de forças, um espécie de cimento social. Isso, pelo menos, o consola quando é criticado pela aliança partidária em que se meteu, mas não é tudo.

Na verdade, Fernando Henrique leva em conta a

fragmentação das vontades e dos centros de poder, num país com 27 unidades federativas, cinco mil municípios e uma infinidade de organizações mais ou menos autônomas. Em sua encarnação gramsciana, FHC se considera um espelho de vontades, mas não admite o papel de "condotiere", do líder que empunha o chicote para fazer valer uma "vontade nacional". A função do presidente, repete, "é mostrar à Nação que existe rumo".

Elaborada assim, a profissão de presidente é espinhosa mas fascinante. Há os problemas e as obrigações do dia-a-dia, como a escaramuças com os aliados. Mas no segundo ano de mandato e com a inflação sob controle, isso é mole. Dá até vontade de ser presidente profissional.

"Se não tem crise, não tem graça"

Fernando Henrique, ao saber que os dois ministros do PTB preferiram ficar no cargo, apesar da "rebelião" da bancada